

Luciene diz que as oficinas mudaram o rumo de sua vida



Muita gente, incluindo o povão, profissionais do ramo e psicólogos afirmam que a música é a vida que se transforma. São taxativos em dizer que nenhuma pessoa que entra em contato com a música sai do mesmo jeito. A música tem esse poder de transformação. Pode edificar, como pode suscitar variadas emoções.

O ano de 2008 ficou marcado na vida de Luciene Souto da Silva, 50 anos. Depois de um período ruim em sua vida, ela resolveu se mudar para Maricá e tentar uma fase melhor. Conseguiu bem mais do que imaginava.

Para viver essa nova vida, Luciene ficou mais religiosa, conseguiu emprego para se sustentar e apostou no foco da transformação. Mas o que efetivamente

mudou, só aconteceu oito anos depois.

“Sofria muito de depressão. Me sentia desigual diante das pessoas, sem estímulo para nada. Quando eu soube das oficinas de teclado, flauta, canto e violão, tive a certeza de que era o caminho para a vitória na minha vida. Fui muito abençoada. Tudo mudou. Já são dois anos de curso. Hoje já penso até em levar todo esse conhecimento para a minha vida. Quero criar melhor as minhas filhas, Ludimila (8 anos) e Iris Vitória (7 anos)”, comemorou.

Luciene ressaltou que a acolhida que recebeu de instrutores e coordenadores das oficinas foi fundamental para dar a volta por cima. Sem falar no conhecimento dos cursos.

“Cheguei muito fragilizada, sem perspectiva de vida. Eles mostraram que eu tinha condições de mudar tudo dali para a frente e seguir com a missão de criar melhor as minhas filhas. Hoje sou outra pessoa”, disse, emocionada.

A preocupação com a paralisação das aulas por conta da pandemia foi logo superada com a implantação das videoaulas.

“Pensei que não teria mais acesso ao conteúdo dos cursos. Não tive nenhum problema com as videoaulas. Os instrutores têm uma maneira muito especial de ensinar. Até a volta do normal, esse é o melhor caminho para evoluir no conhecimento”, analisou.

Cultura de Direitos ao alcance de todos em Maricá

Pág. 4



Thomas, amor pela música e o saxofone

Pág. 6



Cristiane, feliz em ver a alegria da filha nas aulas de capoeira

Pág. 5



Com o suporte de videoaula, oficinas de cultura transformam vidas



A professora universitária aposentada Joyce do Valle, 62 anos, garante que não sentiu nenhuma dificuldade com o atual período de videoaulas que substituíram as aulas presenciais do Projeto Cultura de Direitos, por conta da pandemia. Ela faz aulas de capoeira, mídia social e violão, e afirma que o interesse pelas aulas é o mesmo.

“Os vídeos são ótimos. O mundo caminha para isso. A videoaula dissemina muito mais conhecimento”, analisou.

A história fica ainda mais interessante contada do começo. Na semana da

matrícula, com três hérnias de disco e fazendo fisioterapia por conta de uma fratura, perguntou ao mestre de capoeira se ele aceitaria uma aluna limitada fisicamente. A resposta não poderia ter sido melhor.

Também é bonita a história de amor pelo saxofone vivida por Thomas Ferreira Almeida. Adivinha o que aconteceu quando ele assistiu a primeira aula? Incentivado pelo instrutor e encantado com o que ouviu, fez logo a matrícula.

Dedicação que não falta durante as videoaulas. Thomas elogiou a iniciativa da coordenação do Projeto Cultura de

Direitos em manter as oficinas através dessa alternativa. Segundo ele, os alunos mantêm o foco com o conhecimento que recebem nesse período.

O ano de 2008 ficou marcado na vida de Luciene Souto da Silva, 50 anos. Depois de um período ruim em sua vida, ela resolveu se mudar para Maricá para tentar uma fase melhor. Conseguiu bem mais do que imaginava.

A preocupação com a paralisação das aulas por conta da pandemia, foi logo superada com a implementação das videoaulas.

Técnicas de canto melhoram autoestima e performance de Lorena



Apesar de ser uma aluna aplicada na escola, Lorena Soares, 14 anos, já estava entediada com a rotina de estudar de manhã e ficar em casa no período da tarde, de segunda a sexta-feira. Cantar na igreja era o que mais a motivava no fim de semana. Mas faltava alguma coisa.

“Eu queria melhorar a minha performance. Tinha certeza de que poderia cantar melhor, mas não sabia como. Quando soube das oficinas de canto e coral, nem acreditei. Sabia que havia chegado a minha hora. O momento de evoluir, aprender técnicas de canto, realizar um sonho”, lembrou.

As oficinas do Projeto Cultura de Direitos transformaram a vida de Lorena. Sua relação com os pais, colegas e vizinhos melhorou. Lorena

ressaltou que deve isso às orientações dos instrutores e dos coordenadores.

“Eles sabem acolher os alunos e

”**Gosto muito quando alguém me elogia na Igreja. Isso só aconteceu depois que entrei para a oficina de canto e coral**”

orientam da melhor maneira possível. Aprendo muito com eles. Hoje, converso mais com meus pais, interajo mais com as pessoas. Isso facilita a minha vida, o meu dia a dia. Desenvolvo

melhor as minhas tarefas”, revelou.

Lorena quer mais. Ela aproveita ao máximo as aulas das oficinas de canto e coral e já projeta fazer outros cursos e até faculdade de música, mesmo sonhando com a faculdade de Medicina.

“Quero ser médica, mas não abro mão da música. Adoro cantar e vou também seguir esse caminho. Gosto muito quando alguém me elogia na igreja. Isso só aconteceu depois que entrei para a oficina de canto e coral. Meus pais me incentivam bastante. A música é uma bênção na vida das pessoas. Da criança ao idoso. Quero aprender cada vez mais para ter condições de passar meu conhecimento para outras pessoas”, prometeu.

EXPEDIENTE:

Jornal Programa Cultura de Direitos - uma publicação Secretaria de Participação Social, Direitos Humanos e Mulher e da Casa da Cultura Centro de Formação Artística e Cultural da Baixada Fluminense/ CNPJ 36.446.029/0001-49./ Termo de Colaboração nº 01/2018/Termo Aditivo nº 01/2020 / Endereço da Sede do Programa: Rua Pereira Neves, 247, Centro, Maricá - Jornalista: Marcos Galvão RP: 17.356-RJ \ Textos: Edir Lima 17.515 JP / Assessor de Comunicação: Sergio Henrique/ Diagramador: Alexandre Campos/ Fotografia: arquivos do programa e da secretaria e Alexandre Campos / Impressão: C.W.V. Gráfica Editora e Bazar Eireli/ CNPJ 73.668.675/0001-87/, Avenida Beira Mar, 232, Aquarius (Tamoios), Cabo Frio, CEP 28.925-852/ Inscrição Municipal 10033568/ Tiragem 50.000 (cinquenta mil).

Paixão pelo saxofone cativa a família de aluno



Thomas Ferreira Almeida descobriu o seu amor pelo saxofone depois de passar pela oficina de flauta, do Projeto Cultura de Direitos. Incentivado pelo instrutor e encantado sempre que assistia as aulas de saxofone, resolveu mudar de curso.

“Eu ficava fascinado quando via alguém tocar um saxofone. A mudança foi maravilhosa. A prova disso é a minha dedicação durante as aulas”, ressaltou.

Dedicação que não falta durante as videoaulas. Thomas elogiou a iniciativa da coordenação do Projeto Cultura de Direitos em manter as oficinas através dessa alternativa. Segundo ele, os alunos mantêm o foco com o conhecimento que recebem

nesse período.

“Mesmo sem as aulas presenciais, o aluno continua atento ou recorre ao grupo de Whatsapp em caso de dúvida. Mas isso não chega a ser problema. Os instrutores são excelentes e a dinâmica das aulas não deixa ninguém com dúvida ou sem resposta. O nível profissional é dos melhores”, comemorou.

Apesar de toda a paixão por música, Thomas não esconde que sempre sonhou em ser arquiteto. O interesse começou em casa vendo o pai, que é técnico de telecomunicação, mexendo com várias ferramentas.

“Fico empolgado quando vejo o meu

pai trabalhando. Converso com ele e já li muito sobre a sua profissão. Mas a arquitetura é outro patamar. Quero seguir nessa carreira sem deixar a música de lado”, comentou.

Se depender do incentivo da mãe, Thomas seguirá valorizando as aulas de saxofone, apesar do pedido para o filho se matricular nas aulas de violino.

“Ela é apaixonada por violino e sonhava em me ver tocando esse instrumento. Mas, quando soube da minha preferência pelo saxofone, mudou de ideia e passou a me apoiar. O meu pai faz percussão, mas faz questão de me ver tocando saxofone em casa. Se depender da família, virou profissional”, brincou.

Nutricionista avalia que videoaula propaga muito mais conhecimento



O sonho de praticar capoeira vem de longe. Joyce do Valle, 62 anos, ressaltou que praticamente realizou um sonho quando participou da primeira aula na oficina do Projeto Cultura de Direitos. Nem mesmo a pandemia desanimou a professora universitária aposentada. Além de capoeira, ela faz oficina de mídia social e violão. Neste período de videoaula, a dedicação é a mesma.

“Felizmente temos essa alternativa para continuar praticando. Não pode fechar o conhecimento. Os vídeos são ótimos. O mundo caminha para isso. A videoaula dissemina muito mais conhecimento”, analisou.

Quem ouve a professora exaltar a prática da capoeira, pensa logo que sua adaptação foi rápida. Nem tanto! Na semana da matrícula, com três hérnias de disco e fazendo fisioterapia por conta de uma fratura, perguntou ao mestre de

capoeira se ele aceitaria uma aluna limitada fisicamente. A resposta não poderia ter sido melhor.

“Ele disse que isso jamais seria problema. Fui muito bem acolhida aqui. Hoje eu jogo

” **Nunca mais tive hérnia. Não tenho mais nada. Entrar numa roda, gingar e dar golpes era inimaginável para quem sofria com três hérnias** ”

capoeira. Nunca mais tive hérnia. Não tenho mais nada. Entrar numa roda, gingar e dar golpes era inimaginável para quem sofria com três hérnias”, avaliou.

Resolvida a parte de atividade física, Joyce pensou em aprimorar seus conhecimentos e optou se matricular na oficina de mídia social.

“Sou nutricionista clínica e trabalho com adultos e idosos. Com a aposentadoria, optei por produzir vídeos e essa oficina caiu como uma luva. Estou terminando de escrever alguns livros. Faço publicações técnicas. Com a oficina de mídias sociais, estou conhecendo novas ferramentas. O resultado será ótimo”, prevê.

A música não ficou de fora. Além de capoeira e mídias sociais, Joyce do Valle faz oficina de violão.

“Sempre tive vontade de ler uma partitura. Estou me dedicando para isso. A musicalidade dá outro sentido à vida. Isso é fundamental no dia a dia das pessoas”, apontou.

Mãe elogia postura de instrutores e opção por videoaula



Desde pequeno, Bruno da Silva Gomes, 14 anos, tinha a mania de bater nos objetos de casa para produzir algum som e dar ritmo a músicas imaginárias. A mãe, Ionara Moreira da Silva, 40 anos, às vezes reclamava do barulho, mas entendia que aquela agitação poderia ser um sinal do amor do filho pela música.

“Teve um dia que ele observou a Viviane Araújo, rainha de bateria do Salgueiro, tocando tamborim. Alguns minutos depois, já estava batucando na mesa e imitando o ritmo. Ele gosta muito. A videoaula foi a melhor opção para manter os alunos em atividade durante a pandemia”, frisou.

Por conta disso, Bruno elogia a videoaula. Segundo ele, a didática é de fácil entendimento para os alunos. Além de percussão, ele faz oficina de violão.

“Quando entrei para a oficina de violão, ganhei um instrumento do meu tio Rodrigo, o que facilitou o aprendizado. Os instrutores se preocupam com

“Os instrutores se preocupam com detalhes durante as videoaulas. Isso gera confiança entre os alunos. Não tem como errar”

detalhes durante as videoaulas. Isso gera confiança entre os alunos. Não tem como errar. Quem tiver dúvida, pode tirar no zap”, elogiou.

O nível de interação de Bruno com os instrutores se repete com os colegas e familiares. A mãe, Ionara, vibra ao presenciar a transformação do filho. Segundo ela, Bruno era pouco comunicativo.

“Não chegava a ser tímido, mas interagia pouco com as pessoas. Até com a família. Fui surpreendida com a mudança de comportamento depois que ele entrou para a oficina. Os instrutores conversam muito com os alunos e mostram o melhor caminho em relação à postura e ao comportamento que todos deveriam ter para conquistar um espaço no futuro. Isso não tem preço. Essas oficinas foram o que de melhor aconteceu na cidade de Maricá nos últimos anos, principalmente para a nova geração”, avaliou.

Videoaula com dinâmica especial aumenta interesse dos alunos



Cristiane Silva da Paixão, 36 anos, já havia abraçado a ideia da videoaula substituir as aulas presenciais durante a pandemia para dar continuidade às aulas de canto. Segundo ela, os instrutores passam uma dinâmica especial, mantendo em alta o interesse dos alunos.

“Não tem como sentir falta das aulas presenciais. É como se o professor estivesse ao seu lado. E ainda tem um grupo de whatsapp para tirar as dúvidas. O importante é continuar com as aulas. Acredito até que as videoaulas irão somar quando a pandemia passar. A Belle (instrutora de canto) é uma professora muito especial na hora de ensinar”, elogiou.

A aluna ficou ainda mais satisfeita com a videoaula quando a filha, Camila, de 6 anos, que faz capoeira, mostrou toda a sua satisfação com o novo método de ensino.

“Ela fica muito atenta às videoaulas. O

instrutor ensina e ela sai imitando e jogando capoeira sozinha. Repete os movimentos e ainda pede a atenção da família para assisti-la praticando capoeira”, comentou.

“Ela fica muito atenta às videoaulas. O instrutor ensina e ela sai imitando e jogando capoeira sozinha. Repete os movimentos e ainda pede a atenção da família para assistir”

A alegria de Cristiane com o interesse da filha pela capoeira tem um motivo especial. Antes da oficina, Camila era tímida e introvertida.

“Toda a timidez durou somente uma semana quando entrou para a oficina de capoeira. Os instrutores conversavam bastante com ela, orientavam e mostravam a importância de ser mais comunicativa. Tudo de uma maneira muito especial para uma criança entender. Foi maravilhoso”, agradeceu.

Cristiane tem outros filhos: Marcela, de 14 anos, que fazia Canto e Violão, mas saiu por conta da escola. E Izaque, de 11 meses.

Foi justamente durante a gestação de Izaque que Cristiane resolveu parar com as aulas de saxofone e percussão.

“Parei, mas não vejo a hora de voltar. Saxofone é um sonho de criança. Só aqui em Maricá para ter acesso a isso e não pagar nada. Quero muito aprender cada vez mais. Quem sabe não me torno uma saxofonista? Só depende de mim”, sonha.